

A flauta doce na contemporaneidade: a paisagem sonora como elemento de criação e expressão artística na prática de flauta doce na educação básica

José Pedro Martins da Silva

PROFARTES, Universidade Federal do Pará – pedrosilvaflautista70@gmail.com

Resumo: Este artigo investiga as interações entre a prática da flauta doce e a paisagem sonora urbana da cidade de Belém do Pará. Tem como objetivo reunir dados bibliográficos, reflexões e propostas pedagógicas desenvolvidas a partir dos sons característicos urbanos da capital paraense. Busca-se, ainda, ampliar as possibilidades de interpretação musical e de metodologias aplicadas ao ensino de flauta doce na contemporaneidade. Além de documentar o percurso metodológico e conceitual da construção do estudo, a pesquisa se propõe a divulgar grafias musicais originais elaboradas a partir dos elementos sonoros da cidade, como um potencial para inspirar novas abordagens interpretativas e educativa. Sendo assim essa proposta visa contribuir para a formação de músicos e educadores sob uma perspectiva autônoma e contextualizada de criação musical voltada à prática da flauta doce.

Palavras-chave: Paisagem sonora. Educação básica. Criação Musical. Ações docente. Prática de flauta doce.

Abstract: This article investigates the interactions between recorder practice and the urban soundscape of the city of Belém, Pará. It aims to gather bibliographical data, reflections, and pedagogical proposals developed based on the characteristic urban sounds of the Pará capital. It also seeks to expand the possibilities of musical interpretation and methodologies applied to recorder teaching in contemporary times. In addition to documenting the methodological and conceptual framework of the study, the research aims to disseminate original musical recordings created from the city's sound elements, potentially inspiring new interpretative and educational approaches. Therefore, this proposal aims to contribute to the training of musicians and educators from an autonomous and contextualized perspective of musical creation focused on recorder practice.

Keywords: Soundscape. Basic education. Musical creation. Teaching activities. Recorder practice.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo científico é um recorte em desenvolvimento de minha pesquisa em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Artes, na cidade

Da SILVA, José Pedro Martins. A flauta doce na contemporaneidade: a paisagem sonora como elemento de criação e expressão artística na prática de flauta doce na educação básica. Revista Mosaico: Processos criativos em música e em artes do som, Pelotas, RS, V.2 - n.1, 2025, p. 287-307.

de Belém do Pará. A investigação ora apresentada versa sobre a paisagem sonora aplicada à prática da flauta doce, abordagem que me proporcionou a oportunidade de desenvolver processos criativos voltados à execução desse instrumento musical.

Atualmente exerço à docência de flauta doce na educação básica em uma instituição tradicional de ensino musical e, inspirado pela riqueza dos múltiplos sons que permeiam a cidade de Belém do Pará, senti-me motivado a instaurar um movimento de prática instrumental que transcendia os modelos convencionais, explorando metodologias não tradicionais. Para Cuervo (2008) essa abordagem busca ampliar a formação musical ao integrar diferentes estilos e épocas, respeitando tanto os padrões acadêmicos quanto as preferências individuais dos alunos.

A partir dessa pesquisa, fundamentada na paisagem sonora, foi possível ampliar o repertório pedagógico, incorporando estratégias capazes de proporcionar abordagens significativas para a prática com flauta doce. A adoção da paisagem sonora na prática da flauta doce fundamenta-se na observação de que o ensino desse instrumento, ainda hoje, frequentemente se resume à mera repetição de repertórios europeus tradicionais.

Na concepção de Fleixedas (2015) defendem em uma abordagem musical aberta e contemporânea, a educação musical deve fundamentar-se na criatividade, na liberdade e na flexibilidade. Em vez de priorizar exercícios mecânicos e repetitivos, propõe-se o desenvolvimento da expressão artística, da compreensão dos fenômenos sonoros e da sensibilidade por meio de experiências significativas, respeitando os interesses, as necessidades e a singularidade de cada aluno.

O ensino da linguagem sonoro-musical fora dos padrões tradicionais, defendida por Pedreski, Borne, Ipolito (2024), diz que não deve restringir-se apenas à abordagem de sistemas formais de organização sonora, como o tonalismo, ou à estruturação rítmica, ao contrário, deve-se ampliar enquanto prática educativa ao permitir múltiplas formas de compreender o som e de refletir sobre a atuação docente seja este profissional especialista ou não diante das experiências musicais.

Dante desse cenário, propõe-se um movimento que favoreça a exploração de novas abordagens e criações musicais, de modo a estimular distintos métodos de prática instrumental e viabilizar a concepção de repertórios atualizados, bem como de mecanismos técnicos inovadores e significativos que especialmente possam ampliar as possibilidades sonoras e interpretativas para músicos.

Na concepção de Moreira e Junior (2013), é destacada a relevância da paisagem sonora no processo de educação musical, evidenciando seus múltiplos impactos tanto no aprendizado quanto no engajamento dos estudantes com os conteúdos trabalhados. Ressalta-se ainda a importância de dedicar um momento à percepção consciente dos sons presentes no ambiente, o que pode favorecer uma escuta mais atenta a elementos sonoros antes naturalizados e, por isso, negligenciados.

Compreende-se, ainda, que a produção musical na contemporaneidade, especialmente em formatos não convencionais, apresenta desafios consideráveis para a obtenção de parcerias e incentivos institucionais. Tal abordagem pode ser interpretada como uma alternativa para indivíduos que almejam transcender padrões tradicionais, explorando uma experiência sonora cultural que evoque liberdade e novas perspectivas criativas.

Segundo Rimoldi e Manzolli (2017) abre-se uma possibilidade significativa para a emergência de novas sonoridades, sobretudo no âmbito experimental da música instrumental, favorecendo práticas inovadoras tanto de artistas quanto de educadores da arte que estabelecem um diálogo criativo com a música em suas expressões estéticas.

A presente pesquisa se fundamenta na necessidade de ampliar as possibilidades de exploração, divulgação e interpretação de novas formas de criação musical, ancoradas em simbologias que se distanciam dos paradigmas tradicionais da notação musical. Busca-se, desse modo, criar outras simbologias que não se opõe à preservação dos códigos musicais convencionais, mas que, ao contrário, propõe abordagens notacionais alternativas, alinhadas às possibilidades expressivas do cenário sonoro contemporâneo. De acordo com Seelig (2023) entende-se que inovar

consiste em adotar estratégias capazes de ampliar a visão de mundo e promover novas formas de conexão entre diferentes campos do saber.

Outro aspecto relevante desta investigação consiste no levantamento de referências bibliográficas relacionadas à aplicação da paisagem sonora na prática instrumental ou documentos que dialogam com esta pesquisa, com foco na cidade de Belém do Pará. Nesse contexto, assume-se a flauta doce como instrumento central da pesquisa, dada sua relevância no ensino musical da região. A sistematização desses dados reveste-se de fundamental importância para averiguar a originalidade do estudo, identificar se essa proposta é pioneira ou se existem pesquisas anteriores que adotam nomenclaturas semelhantes no contexto da capital paraense.

O objetivo geral deste artigo reside na reunião de levantamento de dados bibliográficos, divulgação de simbologias e na formulação de reflexões acerca dos materiais musicais coletados e direcionados à prática da flauta doce, considerando a cultura sonora regional da cidade de Belém do Pará como estratégia essencial para a prática de instrumento musical.

Os objetivos específicos se definiram em desenvolver experimentações sonoras, criar notações musicais que integrem recursos de gravações de campo, visando especialmente ampliar as possibilidades expressivas, sonoras e pedagógicas na prática musical com a flauta doce no âmbito contemporâneo.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa caracteriza-se como exploratória e bibliográfica permitindo uma abordagem ampla e fundamentada sobre a aplicação da paisagem sonora na prática da flauta doce. A partir dessa perspectiva, busca-se atender a duas demandas essenciais:

1. Divulgação das possibilidades musicais derivadas da paisagem sonora, estabelecendo conexões entre os elementos acústicos do ambiente e sua aplicação na execução da flauta doce.

2. Levantamento de referências bibliográficas que tratam da utilização da paisagem sonora na prática instrumental, com foco na cidade de Belém do Pará, possibilitando uma análise contextualizada e aprofundada sobre o tema.

Essa metodologia visa não apenas ampliar o conhecimento sobre a interação entre som, espaço e prática musical, mas também contribuir para o desenvolvimento de novas abordagens interpretativas e pedagógicas no ensino da flauta doce.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para viabilizar os objetivos propostos nesta investigação, torna-se essencial recorrer a autores cujas contribuições sejam fundamentais para consolidar a paisagem sonora como elemento significativo na prática da flauta doce. Dessa forma, busca-se estruturar estratégias de construção musical que estejam alinhadas às realidades contemporâneas e, sobretudo, que ampliem as experiências musicais dos estudantes, integrando repertórios diversificados ao processo de ensino.

Uma das premissas centrais deste artigo consiste em considerar a paisagem sonora como um viés educacional vinculado à prática instrumental. Para tanto, serão tomados como referência teórico alguns autores de renome na área: Schafer (2018) e Krause (2013). Suas contribuições permitirão a formulação de perspectivas que inserem a paisagem sonora no contexto educacional, promovendo a ampliação da percepção auditiva e a reflexão sobre a diversidade sonora presente no cotidiano. Além disso, suas obras fornecerão subsídios para o desenvolvimento de atividades musicais que dialoguem com a experiência sonora dos indivíduos.

Além dos referidos estudiosos, esta pesquisa também se apoiará nos escritos de Salles (2006) e Seelig (2023), cujas reflexões serão fundamentais para compreender os processos de criação artística, desde sua fase inicial até a materialização da obra destinada à interpretação do público. As autoras em questão nos conduzirão a apresentar diretrizes metodológicas que auxiliam na estruturação do percurso criativo, permitindo não apenas a concepção da obra musical, mas também a análise do impacto que esta exerce sobre os intérpretes e o público.

Como ponto a ser refletido a cultura sonora local como um fenômeno dinâmico e intrinsecamente vinculado à construção identitária das sociedades, o presente estudo propõe-se também evidenciar a sua relevância e promover sua valorização, instigando reflexões sobre seu papel formativo no âmbito educacional. Nesse sentido, a abordagem de Alves, Rodrigues, Silva e Moraes (2016) revela-se particularmente pertinente ao destacar a cultura como um ato potencial e estruturante na constituição do saber.

Ademais, a dimensão das emoções memoriais assume centralidade na apreensão dos processos culturais, uma vez que todo ato cultural exerce significativa influência na projeção da memória e na vivência subjetiva dos sujeitos. Sob tal perspectiva, as contribuições de Serradela e Neto (2016) ampliam a compreensão da cultura enquanto fenômeno afetivo e de pertencimento, articulando-a às memórias patrimoniais que alicerçam a identidade coletiva de uma sociedade, atribuindo-lhe, assim, um lócus de existência e de continuidade histórica.

Dessa forma, a premissa central que impulsiona esta investigação reside na disseminação de novas possibilidades musicais a partir da paisagem sonora, bem como na reflexão sobre os processos inerentes à pesquisa. Em particular, destaca-se a manipulação dos dados coletados acerca da paisagem sonora presente em espaços públicos. Estes elementos sonoros serão ressignificados e transformados em simbologias musicais, as quais serão posteriormente incorporadas à prática da flauta doce no contexto da performance dos alunos da educação básica.

4 A PAISAGEM SONORA E SUA APLICAÇÃO NA PRÁTICA DA FLAUTA DOCE NA REGIÃO NORTE: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A paisagem sonora, conceito amplamente difundido por Murray Schafer a partir da década de 1970, apresenta uma abordagem inovadora na compreensão e análise dos sons que compõem o ambiente. Este conceito envolve a escuta atenta ao entorno sonoro, incluindo sons naturais, artificiais, escolares e culturais, que moldam identidades locais e experiências sensoriais. No entanto no contexto musical, especialmente na prática da flauta doce, a paisagem sonora

oferece não apenas uma ambientação estética, mas também uma ferramenta pedagógica e criativa a partir de uma apreciação aprofundada.

Nesse contexto, Alves, Rodrigues, Silva e Moraes (2016) propõem uma abordagem densa em significados, onde a cultura ressoa como elemento pulsante e estruturador na formação do conhecimento, na qual, tal abordagem convida os educadores a escutarem os sons do cotidiano escolar, as vozes, os silêncios, os ruídos e os ritmos como expressões culturais que constroem, moldam e transformam as experiências de aprendizagem da música.

Ao investigar bibliograficamente a relação entre paisagem sonora e o ensino da flauta doce, observa-se uma crescente valorização da escuta ativa como parte do processo formativo do músico. Autores como Schafer (2018) destacam a importância da escuta como base para a composição, improvisação e interpretação. Para Cuervo (2008) ressalta incluir técnicas expandidas no repertório dos instrumentos pode tornar as aulas mais envolventes, funcionando como um espaço experimental e interativo de criação sonora.

Na região Norte do Brasil, a rica diversidade acústica dos ambientes naturais com cantos de pássaros, sons de água, ventos e vida selvagem constitui um cenário sonoro potente para uma pesquisa de ampla diversidade informativa. Essa sonoridade, muitas vezes tratada apenas como pano de fundo, pode ser ressignificada pedagogicamente, tornando-se elemento estruturante da aprendizagem musical ou na performance com instrumentos musicais.

A flauta doce, com seu timbre suave e intimista, mostra-se particularmente adequada para dialogar com esses tipos de paisagens sonoras. Por ser um instrumento acessível e historicamente associado à educação musical, ela pode ser utilizada como meio de expressão dessas sonoridades regionais, tanto na execução de peças compostas com base em sons da natureza quanto na improvisação guiada por paisagens acústicas específicas.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem interdisciplinar é fundamental. Integram-se música, ecologia acústica, educação e cultura local. Métodos como a criação de mapas sonoros, caminhadas sonoras ou o famoso caminhadas sonoras registros de campo proporcionam aos alunos

experiências sensoriais e reflexivas. A partir dessas práticas, os educandos podem criar composições que traduzem sua escuta do entorno em música, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada.

Além disso, a inserção da paisagem sonora no ensino da flauta doce estimula o pensamento crítico e fortalece um senso ecológico refinado. A conscientização acerca dos sons do ambiente contribui para a valorização do patrimônio cultural sonoro, ao mesmo tempo em que suscita reflexões sobre os impactos da urbanização e da poluição sonora na qualidade de vida e na experiência sensorial. Nesse contexto, a música assume um papel que transcende sua dimensão estética, tornando-se um instrumento de formação cidadã e de sensibilização ambiental.

A bibliografia brasileira sobre o tema tem se ampliado, com contribuições relevantes de autores como Barbosa (2017), argumenta que trabalhar com paisagens sonoras é uma forma de resgatar o sentido da escuta, muitas vezes negligenciado em uma sociedade dominada pela visão. Essa escuta atenta e sensível pode despertar uma consciência socioambiental mais profunda, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Para Silva (2020), revelou que o ambiente acústico da escola é marcado por ruídos intensos e variados, frequentemente acima dos níveis recomendados. Esses sons foram percebidos e registrados pelos próprios alunos, e a maioria dos profissionais classificou o espaço como sonoramente poluído. Conclui-se que essas condições comprometem a comunicação e o aprendizado, mas também aponta caminhos: a valorização da escuta atenta e a incorporação da educação sonora no cotidiano escolar com vista a transformar essa realidade e formar ouvintes mais conscientes e críticos.

Em síntese, a análise bibliográfica da paisagem sonora aplicada à prática da flauta doce revela um campo fértil de possibilidades educativas e artísticas. A escuta do ambiente, aliada à prática instrumental, promove a expressão da identidade local, o engajamento sensorial e o pensamento crítico. Na região Norte do Brasil, onde a riqueza sonora é abundante, os registros sonoros aplicados a prática de instrumento musical com a flauta doce, e pouco explorada

pedagogicamente e artisticamente, esse enfoque representa uma oportunidade singular de valorização da cultura e da natureza por meio da música.

5 METODOLOGIA DE REGISTRO E ANÁLISE DA PAISAGEM SONORA: PROCESSOS DE CATALOGAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO ACÚSTICA

Belém do Pará, com uma população superior a 1,3 milhão de habitantes e uma densidade demográfica significativa, segundo IBGE¹ (2024), apresenta uma paisagem sonora multifacetada, resultante da intensa atividade urbana. Os sons emanados de vias públicas, estabelecimentos comerciais, indústrias e instituições governamentais se entrelaçam, compondo um cenário acústico dinâmico no qual a circulação de pedestres, veículos e diversas interações sociais se desenrolam continuamente. Além desses elementos, espaços de lazer e turismo, como parques, praças, museus e teatros, integram-se a essa paisagem sonora, juntamente com áreas destinadas à preservação da fauna e flora amazônica.

A partir desse contexto, a pesquisa propõe uma fundamentação conceitual acerca da paisagem sonora, pautando-se nos estudos de Schafer (2018), Krauser (2013), bem como nas definições contidas em dicionários de referência, como Aurélio (2015), Houaiss (2008) e Oxford Language (2000). Sendo assim a paisagem sonora pode ser compreendida como um espaço no qual os sons, captados pela audição humana, são processados e interpretados pelo córtex auditivo, tomando como base as memórias e vivências individuais. Esses sons podem ser de origem natural, derivados da ação humana direta ou indireta, oriundos de maquinários industriais ou concebidos pelas tecnologias contemporâneas.

No decorrer da investigação, procede-se à catalogação sonora de forma sistemática, sendo selecionados dois espaços emblemáticos: Parque Zoobotânico Mangal das Garças e o jardim

¹ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é a principal referência em dados sobre o Brasil, abrangendo estatísticas, geografia e meio ambiente. Suas informações são fundamentais para o planejamento do país, a formulação de políticas públicas e o exercício da cidadania.

do Instituto Estadual Carlos Gomes, escola tradicional de ensino de música de Belém do Pará. Os registros sonoros obtidos nesses locais servirão como base para a elaboração de simbologias musicais aplicáveis à prática da flauta doce. Entretanto destaca-se a relevância dos equipamentos empregados na captação e análise dos sons desses ambientes públicos, visando aprofundar as possibilidades interpretativas e metodológicas no ensino e na performance musical na contemporaneidade.

Para que a catalogação sonora fosse realizada de maneira meticulosa e com a utilização dos dispositivos disponíveis, foram empregados os seguintes equipamentos para desenvolver a coleta de dados, um smartphone, um fone Bluetooth, um pedestal de gravação e dois carregadores portáteis, essenciais para assegurar a operacionalidade contínua dos equipamentos ao longo do processo investigativo desta pesquisa.

O processo de catalogação sonora do Parque Zoobotânico Mangal das Garças que é um parque ecológico criado pelo governo do estado do Pará a fim de preservar a flora e a fauna amazônica, neste espaço inclui um sistema que abriga diversas espécies de garças, e é também um lugar de reabilitação de aves, foi conduzido em duas sessões distintas, uma realizada às 9h45 da manhã e outra às 15h50 no período da tarde. O objetivo dessa delimitação temporal foi analisar possíveis variações acústicas entre os diferentes horários e identificar ocorrências extraordinárias, além dos sons naturais característicos desse ambiente. Durante as gravações, os elementos sonoros inerentes ao espaço incluíram o canto dos pássaros, o sussurro do vento nas copas das árvores, o som da água ao cair no lago, o bater das asas das aves em pleno voo e os sons vocálicos de patos e garças.

Entretanto, também foram identificados sons exógenos, originados da presença humana e de equipamentos mecânicos que não integram a paisagem sonora original do local. Entre eles, destacam-se conversas de visitantes, ruídos de maquinários como a bomba d'água da cachoeira artificial, o motor de embarcações, o barulho de liquidificador, o som de violão, o ruído de cadeiras sendo arrastadas, além de buzinas de veículos e o som de pneus friccionando contra o solo.

Essa diversidade sonora evidencia a riqueza acústica presente no Mangal das Garças, permitindo uma análise mais profunda da interação entre sons naturais e intervenções sonoras humanas. Esses registros desempenham papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa, contribuindo para a elaboração/criação de símbolos musicais e expandindo a percepção sonora aplicada à prática instrumental da flauta doce.

Segundo Salles (2006) sob a perspectiva de criação diz que pode ser entendida como algo que está em constante troca com o ambiente ao redor. Assim, ela reflete não apenas o momento e o espaço vivido, mas também o modo como ele se relaciona com sua própria cultura, dessa maneira, acredita-se que a criação se nutre dessas interações, destacando-se, sobretudo, por seu caráter comunicativo.

No jardim de uma escola tradicional de música, a paisagem sonora apresenta variações significativas ao longo do dia, refletindo tanto os elementos naturais quanto as interferências sonoras urbanas. Entre 7h30 e 9h50 da manhã, o espaço é predominantemente marcado pelo canto dos pássaros, que se abrigam nas árvores que circundam essa instituição histórica. Dentre as espécies que frequentam o local, destacam-se periquitos, bem-te-vis e pequenas águias, cuja presença confere uma textura sonora característica ao ambiente.

Entre 10h e 13h45, período conhecido como horário de pico, há uma intensa concentração de sons urbanos provenientes do tráfego de ônibus, motocicletas e carros de som, bem como vozes de transeuntes e impactos ocasionais, como o som de mangas caindo ao solo ou sobre veículos estacionados. Adicionalmente, a sonoridade da escola se entrelaça a esse panorama, sendo possível captar sons de instrumentos musicais e, dependendo do fluxo, o alarme de sirenes de ambulâncias, contribuindo para a diversidade acústica do espaço.

Essa alternância de elementos naturais e urbanos configura uma paisagem sonora dinâmica, onde a fusão entre os sons da natureza e da cidade oferece uma riqueza expressiva que pode ser explorada na pesquisa musical, especialmente as possíveis criações de novas abordagens interpretativas para a prática instrumental.

Assim como propõe Salles (2006), o ato de criar se constrói nas interações e nas conexões entre elementos já existentes. Nesse sentido, os sons da cidade buzinas, vozes, ruídos mecânicos, cantos de pássaros tornam-se matéria-prima para novas formas de expressão. A escuta atenta do ambiente urbano permite ao artista estabelecer diálogos com o cotidiano, transformando experiências sonoras em objetos comunicativos que refletem e ressignificam a cultura em que estão inseridos.

É pertinente destacar que a abordagem adotada nos parágrafos anteriores se fundamenta na categorização dos elementos sonoros em sons naturais e sons resultantes da ação humana, com o propósito de aprofundar a compreensão do funcionamento de cada componente acústico e de fomentar a criação musical. Essa metodologia se inspira nos estudos de Krauser (2013), cuja obra classifica os efeitos sonoros em três grandes grupos: biofônico, geofônico e antropofônico².

A partir dessa nomenclatura, torna-se possível uma observação mais refinada dos fenômenos acústicos, permitindo a decodificação de suas mensagens sonoras e a concepção de símbolos e timbres que se aproximem da sonoridade original. Dado que as gravações em vídeo foram realizadas de forma instantânea por meio de dispositivos móveis, a impossibilidade de isolar determinados aspectos sonoros sem interferências advindas de outras fontes acústicas presentes no ambiente era previsível. No entanto, ainda que houvesse sobreposição de elementos sonoros ao longo das capturas, alguns se destacaram devido à sua projeção e intensidade, como o canto dos pássaros e os ruídos emitidos por determinados equipamentos eletrônicos.

Ademais, em diversas circunstâncias, o microfone empregado exerceu um papel crucial na ênfase de aspectos específicos da paisagem sonora registrada, contribuindo para uma captação mais precisa dos dados acústicos relevantes à pesquisa. Dessa forma, a investigação busca aprofundar a análise da interação entre os sons do ambiente e sua aplicação na prática musical,

² Segundo Krause (2013), os sons da natureza podem ser divididos em três tipos: biofonia, que são os sons feitos por animais; geofonia, que são os sons naturais do ambiente, como vento e chuva; e antropofonia, que são os sons produzidos pelos humanos, como fala e ruídos urbanos. Essa classificação ajuda a entender como os ambientes sonoros refletem a relação entre natureza e sociedade.

explorando novas possibilidades interpretativas e metodológicas que enriqueçam o repertório e a performance da flauta doce na contemporaneidade.

Com os registros sonoros capturados em formato de vídeo, garantindo uma qualidade otimizada para análise em etapas subsequentes, a próxima fase da pesquisa consistiu na implementação do processo de escuta aprofundada ou apreciação crítica. Essa abordagem metodológica teve como finalidade a identificação detalhada dos elementos acústicos presentes nas gravações, permitindo uma análise minuciosa das ocorrências sonoras registradas nos espaços públicos investigados: o Mangal das Garças e o jardim de uma escola tradicional de música.

Durante a coleta de dados, foram catalogados quatorze vídeos, distribuídos estrategicamente conforme a seguinte estrutura: oito gravações realizadas no Mangal das Garças e seis registros captados no jardim do Instituto Estadual Carlos Gomes. A diversidade sonora desses ambientes urbanos será fundamental para a exploração das características acústicas que os compõem, viabilizando um estudo aprofundado sobre suas particularidades e potencializando a criação de simbologias musicais adaptadas à prática da flauta doce.

Vale ressaltar que a análise dessas paisagens sonoras poderá fornecer subsídios para a formulação de abordagens inovadoras no campo da educação, interpretação e da performance musical, fortalecendo a conexão entre a arte sonora e o espaço urbano contemporâneo. Após a conclusão do processo de escuta aprofundada, a etapa final desta investigação voltou-se para a concepção de símbolos musicais destinados à prática da flauta doce. Esses símbolos foram minuciosamente elaborados com base na análise dos elementos sonoros registrados, sendo acompanhados por bulas explicativas que visam auxiliar o instrumentista na interpretação e execução dos efeitos sonoros incorporados às representações musicais.

Cumpre ressaltar que cada espaço urbano analisado foi cuidadosamente observado e registrado, garantindo que os elementos sonoros coletados pudessem ser transformados em referências tangíveis para futuras pesquisas relacionadas à paisagem sonora e à prática instrumental. Dessa maneira, busca-se proporcionar às gerações vindouras de estudiosos um

recurso metodológico permitindo-lhes explorar os fenômenos sonoros urbano como ferramentas educativas para criação e execução musical.

Segundo Torres (2010) a paisagem sonora pode ser compreendida como um elemento cultural que expressa a identidade de um território e de seus habitantes. Neste sentido se identificam indícios relevantes para refletir sobre a preservação das variações linguísticas como falas e sotaques dos diferentes grupos sociais, bem como sobre os modos de comunicação estabelecidos entre seus membros.

Sendo assim a presente investigação, reafirma a relevância da paisagem sonora urbana na construção de novos paradigmas interpretativos e na valorização da performance cultural sonora musical contemporânea. Esta pesquisa tem se revelado um empreendimento desafiador e, ao mesmo tempo, instigante no âmbito da coleta de dados. A complexidade envolvida na análise da paisagem sonora urbana e sua aplicação à prática instrumental confere à investigação um caráter inovador, capaz de suscitar reflexões significativas.

6 REPRESENTAÇÃO MUSICAL E ORIENTAÇÕES INTERPRETATIVAS: CONSTRUÇÃO DE SÍMBOLOS A PARTIR DA PAISAGEM SONORA DO PARQUE ZOOBOTÂNICO MANGAL DAS GARÇAS E O JARDIM DO INSTITUTO ESTADUAL CARLOS GOMES

Os símbolos musicais apresentados nesta seção são interpretações sugeridas para os elementos sonoros catalogados nos registros audiovisuais dos espaços públicos mencionados. Durante esta fase, inicialmente doze alunos participaram da prática musical por meio das simbologias, onde que os alunos do curso básico de flauta doce tiveram acesso aos vídeos coletados. Posteriormente tiveram o primeiro contato com as grafias musicais criadas por meio da pesquisa, participaram de atividades de criações individuais e coletivas e por fim participaram das interpretações musicais.

Nesta prática por meio da paisagem sonora local buscou essencialmente a cultura local como um lugar de fala e de memória patrimonial. Segundo Serradela e Neto (2016) a cultura configura-se como um fenômeno dotado de afetividade e senso de pertencimento, sendo articulada

às memórias patrimoniais que compõem a identidade coletiva de uma sociedade, o que lhe confere reconhecimento simbólico e continuidade histórica.

Considerando as informações acima o próximo passou a aplicação desta estratégia musical, estava ligada a faixa etária dos alunos entre (12 a 16 anos), foi essencial adotar estratégias didáticas que favorecessem a compreensão e utilização dos símbolos. Para isso, foram disponibilizados links do YouTube, permitindo a visualização de demonstrações práticas e aprofundando a assimilação dos conceitos musicais propostos. Assim, busca-se integrar a paisagem sonora urbana ao ensino instrumental, promovendo uma abordagem sensível e inovadora na construção do conhecimento musical.

As composições musicais desenvolvidas na primeira etapa da prática musical adotam uma estrutura fragmentada, na qual trechos sonoros independentes se interligam progressivamente, formando um todo coeso e flexível. Esse modelo, amplamente explorado na música contemporânea, é particularmente relevante no contexto da interpretação da paisagem sonora, pois possibilita a fusão entre diferentes categorias acústicas, os elementos naturais, como o canto dos pássaros, se entrelaçam com fenômenos ambientais, como o som do vento nas árvores ou o impacto da chuva sobre o solo, criando uma textura sonora complexa e envolvente.

Essa abordagem remete às concepções musicais de Murray Schafer (2018), cujas obras seguem um formato de mosaico, semelhante à construção de um quebra-cabeça sonoro, onde fragmentos se complementam para formar uma unidade expressiva. Além desse modelo, a pesquisa explorou um segundo conceito composicional: o de peças musicais estruturadas como um imã, nas quais elementos tradicionais e contemporâneos coexistem e vão se intercalando.

Nessas obras, há um centro tonal ou núcleo gerador, a partir do qual outros fenômenos sonoros são incorporados gradativamente. Esse princípio de organização permite a integração de símbolos musicais convencionais e não convencionais, dispostos em uma estrutura de repetição cíclica (looping), favorecendo novas possibilidades interpretativas e aprofundando a relação entre paisagem sonora e prática instrumental no contexto da flauta doce.

Sendo assim abaixo seguem modelos construídos a partir da paisagem sonora dos ambientes mensurados nesta pesquisa:

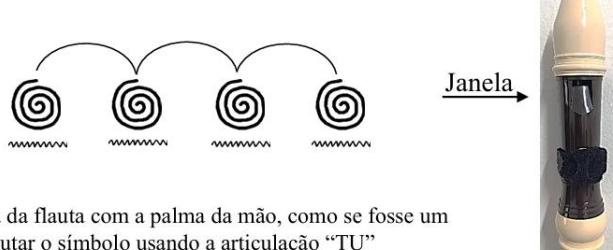
- **Bomba d'água** = (122618) 4x4 nº2



Fazer um bico bastante avantajado e, em seguida, cantar a vogal “u”, introduzir o bico da flauta entre os lábios e manter o fluxo sonoro, como se fosse uma espécie de “mantra”.

Figura 1: Exemplo retirado da bula explicativa dos símbolos, confeccionada pelo autor, para direcionamento das partituras produzidas³.

- **Pássaro 2** = (135322) 4x4 nº4



Tampar a janela da flauta com a palma da mão, como se fosse um “abraço” e executar o símbolo usando a articulação “TU”

Figura 2: Exemplo retirado da bula explicativa dos símbolos, confeccionada pelo autor, para direcionamento das partituras produzidas.

- **Pássaro 4** = (143040) 4x4 nº6

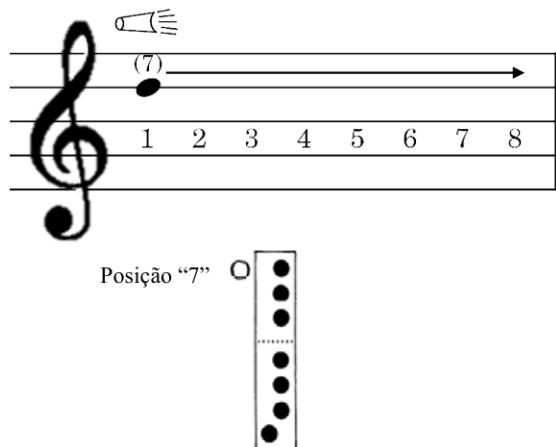


Tampar com a palma da mão a janela da flauta e depois arrastar para o lado e retornar ao ponto de origem. Tenha atenção com a intensidade do som.

Figura 3: Exemplo retirado da bula explicativa dos símbolos, confeccionada pelo autor, para direcionamento das partituras produzidas.

³ Os números que aparecem entre parênteses indicam o número de registro de gravação do vídeo ao qual pertence àquele símbolo sonoro.

• Buzina de ônibus



Fazer a nota com sopro contínuo e forte por 8 segundos. Utilizar a posição mostrada acima.

Figura 4: Exemplo retirado da bula explicativa dos símbolos, confeccionada pelo autor, para direcionamento das partituras produzidas.

A paisagem sonora, enquanto campo de percepção e expressão sensorial, revela-se um universo vasto e plural de possibilidades para a grafia dos sons. Os elementos que compõem esse ambiente auditivo transcendem o mero ruído ou som incidental, configurando-se como fenômenos ricos em significados e capazes de mobilizar experiências estéticas e cognitivas. Nesse sentido, o educador tem diante de si um território fértil para fomentar a escuta sensível e provocar deslocamentos criativos que enriquecem o processo de ensino-aprendizagem.

Ao considerarmos o som como matéria-prima para a construção de sentidos, torna-se imprescindível refletir sobre as múltiplas formas de representá-lo. Entretanto a grafia dos sons não se restringe à notação musical tradicional: há registros por meio de grafismos intuitivos, esquemas visuais, narrativas poéticas e até criações que dialogam com diferentes linguagens artísticas. Essa diversidade reforça a ideia de que o som pode ser capturado, interpretado e ressignificado a partir da subjetividade de quem o ouve.

Nesse contexto, o papel do docente é catalisador. Mais do que transmitir conteúdos, cabe ao educador criar ambientes de escuta ativa, instigar a curiosidade dos alunos e proporcionar vivências que os levem a explorar, apropriar-se e transformar o que ouvem em produção significativa. Tal postura exige sensibilidade, abertura ao improviso e, sobretudo, valorização dos

saberes individuais, com isso a escuta se configura como prática pedagógica essencial, pois abre espaço para o reconhecimento da singularidade de cada aluno e favorece a construção coletiva de conhecimento.

Neste contexto a criatividade utilizada, nesse processo, não é mero adorno. Ela constitui eixo central da educação sonora, pois é por meio dela que os estudantes se apropriam do ambiente ao seu redor, reinterpretando-o e dando-lhe forma. Estimular essa capacidade requer propostas didáticas que rompam com modelos engessados, priorizando metodologias investigativas, interativas e lúdicas. Sendo assim exploração sonora pode ocorrer através de oficinas de experimentação, projetos interdisciplinares, práticas de escuta guiada e composições colaborativas, permitindo aos alunos vivenciar os sons de maneira crítica e criativa.

A finalidade pedagógica dessas abordagens não se limita à formação musical, mas alcança dimensões mais amplas, como o desenvolvimento da atenção, a consciência ecológica, a expressão emocional e o letramento estético. Assim, promover atividades que envolvam a paisagem sonora é também valorizar os sons cotidianos, os saberes populares, os ruídos urbanos e os silêncios que permeiam nossas vivências, é reconhecer que todo som possui um contexto, uma origem e um potencial expressivo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do tema “A flauta doce na contemporaneidade: a paisagem sonora como elemento de criação e expressão artística”, é possível concluir que a relação entre esse instrumento historicamente associado à música antiga e os ambientes sonoros do tempo presente revela um campo fértil de experimentações estéticas e poéticas dentro da cidade de Belém do Pará. A contemporaneidade exige do músico, compositor ou intérprete uma escuta atenta e expandida, capaz de integrar sons não convencionais como ruídos, ambientes urbanas, sons da natureza ou intervenções tecnológicas ao fazer artístico, ressignificando o papel da flauta doce como vetor criativo, comunicativo e educativo.

A partir desse tema, reconhece-se a necessidade de investigar os desdobramentos da escuta como prática ativa, não apenas para interpretar ou compor, mas como forma de inserção sensível no mundo. A paisagem sonora deixa de ser apenas o pano de fundo do cotidiano para tornar-se matéria-prima de criação, desafiando os limites entre música e ambiente, entre instrumento e território. Nesse sentido, a flauta doce, com seu timbre sutil, mas versátil, torna-se mediadora de experiências que atravessam o espaço acústico, o tempo e a subjetividade.

A pesquisa sobre o uso da flauta doce em contextos contemporâneos também permite refletir sobre a ampliação do repertório e das linguagens interpretativas. Ao ser inserida em composições eletroacústicas, improvisações livres, instalações sonoras ou performances interdisciplinares, o instrumento adquire novas camadas expressivas, deixando de ser visto como símbolo de tradição para ser assumido como veículo de vanguarda, assim, a inserção entre flauta doce e paisagem sonora aponta para uma estética do sensível, na qual a escuta, o gesto e o espaço se entrelaçam em processos de criação autênticos e plurais.

Por este modo esta pesquisa contribui para orientar ações didáticas, pedagógicas, artísticas e investigativas que valorizem a escuta ativa, a criatividade e o diálogo com o ambiente. Tais objetivos podem embasar projetos que envolvam a criação de repertórios próprios, oficinas experimentais, análise de obras contemporâneas ou mesmo práticas colaborativas entre músicos e artistas sonoros, além disso, ao trazer a paisagem sonora para o centro da criação, promove-se uma conscientização estética, revelando a potência artística dos sons que nos cercam e que muitas vezes passam despercebidos.

Em suma, a paisagem sonora nos convida a repensar a relação com o ambiente, com o outro e conosco. Ao inserir essa perspectiva no espaço educativo, ampliamos horizontes, deslocamos sentidos e cultivamos experiências transformadoras. Neste percurso, a missão do educador é lançar sementes de escuta, provocar inquietações poéticas e permitir que, por meio dos sons, brotem narrativas carregadas de significado.

Conclui-se, portanto, que a abordagem da flauta doce na contemporaneidade, em interação com a paisagem sonora, amplia as possibilidades expressivas do instrumento e instaura

um novo paradigma de criação musical mais sensível, contextual, e profundamente enraizado na escuta do mundo. Ao articular objetivos específicos que se desdobrem desse tema, abre-se espaço para uma prática musical viva, engajada e transformadora.

E por fim almeja-se que este estudo, dentro de suas possibilidades, se torne uma referência inspiradora para aqueles que o consultarem, particularmente os profissionais da educação musical, que atuam no ensino instrumental individual ou coletivo com a flauta doce possam buscar e explorar abordagens significativas para suas práticas pedagógicas, permitindo que músicos e educadores desenvolvam novas formas de percepção e interação sonora.

REFERÊNCIAS

ALVES, Anderson Patrick Ferreira; RODRIGUES, Renata Marques; SILVA Webert Fernando da; MORAES, Antônio Carlos-Patrimônio cultural imaterial e educação: intervenções pedagógicas como o congo capixaba, caderno temático 5, ano 2016.

CUERVO, Luciane-Música Contemporânea para Flauta Doce: um diálogo entre educação musical, composição e interpretação. XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM), Salvador ano 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2015.

FLEIXEDAS, Claudia Maradei-Caminhos Criativos no Ensino da Flauta Doce - São Paulo, ano 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KRAUSE, Bernie - A grande orquestra da natureza: descobrindo as origens da música no mundo selvagem, publicado no Brasil pela Editora Zahar, em 2013.

MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gaborim; JÚNIOR, Antonio Deusany de Carvalho-Paisagem sonora contemporânea e implicações na educação musical-XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música-Natal-2013.

OXFORD LANGUAGES. *Oxford English Dictionary Online*. Oxford University Press. Disponível em: <https://languages.oup.com>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Da SILVA, José Pedro Martins. A flauta doce na contemporaneidade: a paisagem sonora como elemento de criação e expressão artística na prática de flauta doce na educação básica. Revista Mosaico: Processos criativos em música e em artes do som, Pelotas, RS, V.2 - n.1, 2025, p. 287-307.

DOI: 10.5281/zenodo.16753518

PEDRESKI, Marli; BORNE, Leonardo da Silveira; IPOLITO, Luiz Francisco-paisagem sonora: conceito, história e usos na educação musical-revista caminhos da educação: diálogos, culturas e diversidades Teresinha (pi), v. 6, n. 1, p. 01-18, e-issn: 2675-1496, 2024.

RIMOLDI, Gabriel; MANZOLLI, Jônatas-Da Emergência da Sonoridade às Sonoridades Emergentes: mediação tecnológica, emergentismo e criação sonora com suporte computacional. Revista Vortex, Curitiba, v.5, n.1, 2017, p.1-2.

SALLES, C. A. Redes da criação: construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, edição 2º, ano 2006.

SCHAFER, R. Murray - Ouvir e Cantar: 75 exercícios para ouvir e criar música. Traduzido por: Mariza Trech Fonterrada, Editora Unesp, ano 2018.

SEELIG, T. Regras da criatividade: tire as ideias da cabeça e leve-as para o mundo. Caxias do Sul: Editora Culturama, 2023.

TORRES, Marcos Alberto-da paisagem sonora à produção musical: contribuições geográficas para o estudo da paisagem-revista geografar Curitiba, v.5, n.1, p.46-60, jan./jun. 2010.

Da SILVA, José Pedro Martins. A flauta doce na contemporaneidade: a paisagem sonora como elemento de criação e expressão artística na prática de flauta doce na educação básica. Revista Mosaico: Processos criativos em música e em artes do som, Pelotas, RS, V.2 - n.1, 2025, p. 287-307.